

Henri Caffarel, prophète pour notre temps **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

HENRI CAFFAREL FUNDADOR

Jean Allemand

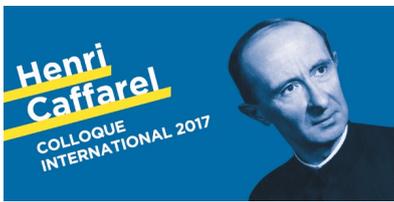
Em 1936, depois de vários anos ao serviço da Acção Católica, o Padre Caffarel pede ao seu bispo uma «licença», que lhe é concedida. A sua intenção é revitalizar-se espiritualmente e preparar-se para um apostolado espiritual mais directo. Escreve então a Mons. Ghika: *«O cardeal pediu-me que deixasse o lugar que ocupava para me dar outro. Expressei-lhe o desejo de uma licença de um ano. Espero que ele me conceda. Seria, parece-me, tão útil ter um ano de oração e de meditação calma depois de cinco anos de ministério hiperactivo...»*¹. Ele é movido por uma profunda convicção, a mesma que o Concílio Vaticano II recordará de forma viva vinte anos mais tarde: todos os homens são chamados à santidade. Todos, logo, os leigos, que lhe parecem demasiado negligenciados a esse respeito. Expressará assim esta convicção, em 1942, num texto dirigido ao Cardeal Suhard: *«A santidade, que, até agora, parecia exigir uma retirada do mundo, afirma cada vez mais o seu direito de cidadania em pleno mundo. O temporal não é, para os cristãos, o que há que sacrificar; é uma questão de o apreender novamente para o fazer entrar nessa grande corrente que deve levar toda a criação para Deus. [...] Todo o problema está aí: teremos santos leigos (santos — entendamo-nos: homens entregues a Cristo, habitados pela sua caridade, movidos pelo seu Espírito), operários, camponeses, executivos que sejam santos, políticos que sejam santos, artistas que sejam santos?»*².

Acrescentemos: casais que sejam santos. Porque é com esta realidade do casal, completamente à parte, que o Padre Caffarel vai ser confrontado e que o levará a tornar-se fundador. Sobre o início desta aventura, ouvi, da própria boca do padre Caffarel, várias versões. Quem tinha tido a iniciativa? Os casais ou o seu conselheiro? É difícil decidir. Daí as minhas imprecisões no livro que lhe dediquei³. Até àquele dia do ano 2000, quando tive acesso à correspondência inédita de duas esposas do primeiro grupo, Rozenn de Montjamont e Madeleine d'Heilly, correspondência piedosamente conservada pela filha de uma delas. Sem dúvida, a iniciativa foi dos casais. É o que nos diz uma longa carta da primeira à segunda, anunciada a 27 de Janeiro de 1939 no post-scriptum de uma missiva anterior: *«De Saint-Servan enviar-lhe-ei as minhas ideias sobre o nosso círculo de casais»*. Essa carta, com várias páginas, deve ter-se seguido imediatamente. Eis aqui o essencial. Quem conduzirá o grupo? *«A priori, parecia-me que o “animador” do que vocês e nós gostaríamos de fazer deveria ser um casal. Isso permanece certo, mas com uma nuance pelo facto de os maridos estarem, de uma forma geral, terrivelmente ocupados. Penso que, no nosso caso, seria possível trabalhar juntos, o Pierre e eu, embora de forma muito desigual, quanto ao tempo dedicado ou mesmo quanto ao impulso de dar...»*. Assim, a iniciativa vem mesmo dos casais. Falou-se de casais jovens. Certamente, mas já com a vida estabilizada: nessa data, os Montjamont já tem 4 filhos (virão a ter 6) e os d'Heilly 2 (virão a ter 5).

¹ LE PERE CAFFAREL. *Des Equipes Notre-Dame à la Maison de prière. 1903-1996*, Actes du colloque (Paris, Collège des Bernardins, 3-4 décembre 2010), Éditions Lethielleux, 2011, p.104.

² Henri CAFFAREL, «Sinais dos tempos, sinal de graça», *L'Anneau d'Or*, Novembro-Dezembro 1949, p. 411-416.

³ Henri Caffarel. *Un homme saisi par Dieu (Um homem cativado por Deus)*, Principia Editora, 2007, p. 36.



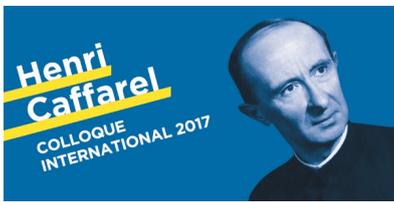
Henri Caffarel, prophète pour notre temps **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

Falta encontrar o padre que há-de acompanhar o grupo. As duas mulheres pensam espontaneamente naquele que já as guia espiritualmente: o Padre Caffarel. Com esperança, conhecendo o seu valor. Mas também com algumas reticências, porque conhecem a sua forte personalidade. Isto dá-nos um retrato do Padre Caffarel que merece a nossa atenção. *«Outra coisa, escreve Rozenn de Montjamont, antes de falar de tudo diante do Padre C[affarel]. Pierre, que gosta dele tanto quanto eu, a priori acha o capelão perigoso, ou antes, haverá que se lhe marcar o lugar de forma precisa. [...] Seria melhor, penso eu, que fosse um assunto entre leigos, entre casais cristãos, com o apoio, o suporte, o controlo de um padre, mais do que de uma capelinha administrada por um padre. Que acham?»*. Ela volta ao assunto mais adiante. *«Sinto que a choquei ao parecer recear que o capelão assuma demasiado protagonismo. Além da reacção da responsável do grupo [...], tínhamos a memória de uma conversa com o Padre Huet, amigo do Padre Caffarel e dirigido do por ele, que o venera absolutamente e que, todavia, nos disse que ele não poderia ser capelão fosse do que fosse sem invadir excessivamente devido à sua grande personalidade e, assim, dificultar a acção dos leigos entre eles»*. E, depois de uma extensa descrição de como as reuniões poderiam ser, conclui: *«Isto tem de ser tido em conta enquanto dirigentes de um grupo como este. Não podemos, só porque você e eu preferimos a todos os nossos discursos ou trocas de impressões a palavra (ou seja, o pensamento) do Padre C[affarel], não ter em consideração o que outros sentem. Temos, portanto, de evitar, desde o princípio, que as reuniões se tornem na audição respeitosa de uma conferência do Padre, seguida de uma vaga e tímida partilha e de uma oração»*. O receio de invasão não resiste perante o desejo ter aquele acompanhante. E a abordagem é feita ao Padre Caffarel. Conhecemos sua reacção: *«Procuremos juntos»*. Foi a 25 de Fevereiro de 1939, na primeira reunião do grupo (ainda não se dizia equipa).

Assim, vê-se claramente que o Padre Caffarel responde a um chamamento. Ele já conhece os problemas daqueles casais que acompanha espiritualmente. Entra na iniciativa que lhe é proposta de os reunir para uma procura em comum. De resto, ele próprio recorda esse começo quando, no encontro do jovem movimento em Roma, em 1959, relatou “A vocação e o itinerário das Equipas de Nossa Senhora »: *«Não deve ser preciso dizer-vos que não foi por revelação que descobri qual a vontade de Deus a respeito do nosso Movimento; esforcei-me por a descobrir pouco a pouco, por a decifrar através dos acontecimentos do dia-a-dia — da mesma maneira que vós, pais procurais descobrir a vocação de um filho, inclinando-vos sobre a sua evolução com um amor atento. Desde o dia, já distante, em que eu, jovem sacerdote, recebi a visita de um jovem casal desejoso de ser ajudado no seu caminho para Deus, até hoje, perante a vossa imensa assembleia, tenho-me esforçado por compreender as necessidades e aspirações dos casais cristãos, por aperceber neles os impulsos da graça, para os ajudar a corresponder-lhe. Não vos oculto que conheci momentos difíceis: quais são os desejos e as aspirações que devem ser satisfeitos, por se orientarem para o progresso e o desenvolvimento espiritual? Quais os que é preciso combater por tenderem para a mediocridade, para o deixar correr?»⁴*.

E sobre o início da aventura, prossegue: *«Remontando às origens, encontramos quatro casais jovens, cheios de um amor muito novo. Sendo cristãos convictos, não querem viver o seu amor à margem da fé. Embora sem ideias muito claras sobre a doutrina do matrimónio cristão, uma intuição muito viva enche-os de esperança e condu-los ao padre: “É impossível que Deus não pense alguma coisa muito bela e muito grande sobre este amor humano que é a nossa riqueza e a nossa alegria; é preciso que no-la revele*

⁴ Henri CAFFAREL, *Les Equipas Notre-Dame. Essor et mission des couples chrétiens (As Equipas de Nossa Senhora. Crescimento e missão dos casais cristãos)*, p.56-57.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

porque queremos conhecê-la”. [...] Não sabia muito mais do que os meus interlocutores, mas tinha, pelo menos, a convicção de que, se o amor vem de Deus, se o matrimónio é uma instituição divina, a ideia divina do matrimónio devia ser infinitamente mais exaltante do que tudo o que estes jovens podiam imaginar. Respondi-lhes: “Vamos procurar juntos, reunindo-nos e partindo à descoberta”⁵. Esta procura, inicialmente modesta, intensificou-se gradualmente. Criaram-se outros grupos, que traziam as suas experiências. Configurou-se uma organização, sempre com grande pragmatismo. E oito anos depois aconteceu a fundação propriamente dita com a promulgação da «Carta» [ver a minha apresentação no Colóquio de 2010].

Detive-me neste nascimento das Equipas de Nossa Senhora porque é exemplar. Mas um processo semelhante pode verificar-se no surgimento dos Movimentos para as viúvas ou no do Centro de Preparação para o Matrimónio: uma necessidade que se faz sentir, um recurso ao Padre Caffarel para fazer face a essa necessidade, uma experiência limitada que se expande progressivamente, que se organiza, a que se dão regras e um nome. Vemos isso em relação às viúvas: são jovens viúvas de guerra que, em 1941-1942, vão pedir ao padre Caffarel que lhes explique o sentido da sua provação, porque ele já as tinha ajudado para o seu casamento. A sua procura levará à fundação da Irmandade de Nossa Senhora da Ressurreição, em 1943, da qual nascerá, em 1946, o Groupement spirituel des veuves (Movimento Espiritual das viúvas), que passou a chamar-se Espérance et Vie (Esperança e Vida)⁶.

Sublinhemos um outro aspecto do fundador. Ele reflecte nesta experiência e procura transmitir os resultados da mesma. Este é o papel das revistas. Acabámos de ouvir falar de *L'Anneau d'Or*, que teve uma audiência internacional. Mas houve também os boletins de cada Movimento: a *Lettre mensuelle des Equipés Notre-Dame* (Carta mensal de Equipas de Nossa Senhora) e *Offertoire* (Ofertório) (que se passou a chamar *Message aux Veuves*). E, em 1956, os *Cahiers sur l'oraison* (Cadernos sobre a oração). Só quem teve que dirigir uma revista, com a sua publicação regular, pode compreender o volume de trabalho que representa o facto de dirigir várias. Porque o Padre Caffarel, que tem o controle de tudo, escreve em todas: editorial ou carta sobre a oração. Com a preocupação não só de ser entendido mas também de ser convincente. O que ele ensina é para levar os outros a viver isso mesmo. Tendo trabalhado com ele, posso testemunhar o cuidado que ele punha em cada um de seus escritos. Ele dizia-me: «Para um artigo (ou uma homilia): uma ideia, uma imagem, um sentimento. O que se diz a mais perde-se». Ou: «Escreva como se fosse para alunos de 15 anos» (alguns anos depois, era «como se fosse para alunos de 14 anos»). Revelou-me o seu método em três etapas: «Primeiro procurar as ideias, depois ordená-las e, finalmente, escrever». Quando tinha escrito um editorial ou uma carta sobre a oração, trazia-ma com esta indicação: «O meu texto tem três páginas, quero três páginas de críticas: o que está errado, por que está errado, o que propõe em seu lugar». A sua preocupação permanente era: instruir sem dúvida, mas sobretudo tocar os corações para os levar a amar.

Há que acrescentar que, para o Padre Caffarel, uma fundação nunca estava acabada. Ele dava-lhe atenção como um pai dá atenção aos seus filhos. Em 1960, escrevia às Equipas de Nossa Senhora: «Ficareis surpreendidos se vos confessar que estou atento a qualquer coisa que me possa informar sobre a vitalidade das nossas equipas, temendo o que as pode comprometer. Em vista do seu rápido crescimento, tenho actualmente a reacção de um pai e uma mãe na presença de um adolescente que cresce muito depressa: para que o crescimento não se faça em detrimento da robustez, é necessário vigiar com muito cuidado a alimentação»⁷. Assim, cada grande encontro era uma oportunidade para o fundador fazer o

⁵ Henri CAFFAREL, *Les Equipés Notre-Dame. Essor et mission des couples chrétiens*, p.57-58.

⁶ Henri CAFFAREL. *Un homme saisi par Dieu*, p. 57-69.

⁷ Henri CAFFAREL, *Les Equipés Notre-Dame. Essor et mission des couples chrétiens*.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps

Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

ponto da situação e renovar o impulso do Movimento. Isto foi particularmente marcante em Roma em 1970. Além do grande discurso pastoral do Papa Paulo VI, o próprio Padre Caffarel falou das «Equipas de Nossa Senhora face ao ateísmo». E como uma conclusão concreta do seu discurso (sempre o homem prático), preconizou novas «obrigações»: a oração, a leitura da Palavra de Deus e a ascese. Saía-se então da crise de 1968, e ele disse: *«Essas dificuldades só se ultrapassarão por cima, pelo redobrar de exigência»*. A oração e a Palavra de Deus foram então introduzidas na Carta como «obrigações» (agora chamadas «Pontos Concretos de Esforço») adicionais para os casais. E na sequência da peregrinação, um número especial da *Lettre mensuelle des Equipes Notre-Dame* foi dedicado a redefinir o Movimento para preparar um novo compromisso dos seus membros. Um texto desta carta servir-nos-á de conclusão: *«O termo 'movimento' indica dinamismo e adaptação contínua. O termo 'espiritualidade' realça a prioridade do sopro do espírito sobre a organização e os métodos, e especifica claramente o objectivo: a vida 'espiritual', isto é, a vida cristã na medida em que é animada pelo Espírito Santo e tende para a santidade»*⁸.

Levar o maior número possível de pessoas a tender para a santidade, esta é a ambição de todas as fundações do Padre Caffarel.

⁸ *Lettre des Equipes Notre-Dame (Carta das Equipas de Nossa Senhora)*, Janeiro-Abril 1971, p. 193-194.